



VOZ DA FÁTIMA

Director e Editor: Mons. Manuel Marques dos Santos
Proprietária e Administradora: «Gráfica de Leiria» — Largo Cónego Maia — Telef. 2336
Composto e Impresso nas Oficinas da «Gráfica de Leiria» — Leiria

Desejamos que, sobretudo durante o mês de Outubro, o Santo Rosário seja recitado com piedade mais intensa por todos os fiéis, tanto nas igrejas como nas habitações particulares, para que os inimigos do Nome divino, todos os que armam emboscadas à fé católica e à liberdade da Igreja, sejam vencidos pela graça e induzidos à penitência, para que voltem ao caminho recto sob a tutela e protecção de Maria.

PIO XI

(da Encíclica *Ingravescentibus malis*)

ANO XXXV — N.º 409
13 de OUTUBRO de 1956

Avenida

FÁTIMA e os destinos do Mundo **Senhora da Caridade**

De Fevereiro de 1953 a Novembro de 1954, o conhecido escritor francês Cónego C. Barthelemy publicou na edição francesa da «Voz da Fátima» uma série de artigos sob este título, traduzidos também na edição inglesa.

Sua Rev.ª publicou há pouco em livro esse pequeno estudo e pediu ao Eminentíssimo Cardeal Patriarca de Lisboa que para ele se dignasse escrever o «prefácio». Sua Eminência acedeu e são suas as palavras que hoje nos honramos em publicar. O Senhor D. Manuel Gonçalves Cerejeira sempre nos diz alguma coisa de útil e de novo.

Já tive ocasião de dizer que Fátima não é obra dos homens, mas de Nossa Senhora. O mistério de graça que na Cova da Iria (o lugar das aparições) se produziu vai-se desenrolando sucessivamente de surpresa em surpresa.

Eu fui dos que no princípio (1917) não acreditava no milagre. Pareceu-me uma cópia inferior de Lourdes. Achava-me então em Coimbra, perto de Fátima, professando na Faculdade de Letras da sua Universidade, onde ensinava História. O caso, tão apaixonadamente falado então, não me interessou absolutamente. Nem sequer li os relatos dos jornais do tempo, posto fosse o assunto candente.

Entretanto Fátima vencia a prudente reserva da Igreja e a oposição violenta do governo jacobino dessa época. A peregrinação aumentava sempre. Havia crescentemente conversões de incrédulos e falava-se de curas... Da minha casa, aninhada ao pé da Universidade, eu via, nos dias 12 e 13 dos meses de peregrinação, as filas contínuas de automóveis, durante horas.

Este entusiasmo crescente, anos após anos, desajudado de todo o apoio externo, e até contrariado, e ao mesmo tempo o ódio e o combate que lhe movia em toda a parte o sectarismo anti-religioso, juntamente com a notícia de factos miraculosos e a abundância de frutos espirituais, começaram lentamente a abalar-me a indiferença. Quis ler um livro sobre as aparições e impressionou-me mal...

Em 1928, fui elevado ao Episcopado e dado como Auxiliar ao meu Predecessor o Cardeal Patriarca de Lisboa. Em Lisboa, comeci a ver nas paróquias o fervor despertado pelo culto de Nossa Senhora de Fátima. Colegas no Episcopado disseram-me: «Vá a Fátima, sente-se no confessional, e verá». Realmente o Pentecostes de conversões era manifesto. Eu mesmo me lembrarei sempre do discípulo do Liceu, energúmeno anti-clerical que andou nas ruas vociferando, o qual nessa altura me procurou e me confessou que se convertera em Fátima. Fez-me impressão também o levantamento da proibição do culto novo (contado neste livro) de um dos nossos Bispos, que verificara a transformação espiritual que a devoção a Nossa Senhora de Fátima operava onde se estabelecia. Fátima impunha-se à Igreja pela sua eficácia sobrenatural.

Em 1931 o Episcopado Português foi pela primeira vez oficialmente a Fátima. O Bispo de Leiria tinha declarado em 1930 autênticas as aparições. Era a acção de graças da Nação. E nessa ocasião o Episcopado consagrou solenemente Portugal ao Coração Imaculado de Maria. Esta consagração foi o complemento da consagração feita em 1930 ao Coração Sacratíssimo de Jesus. Nenhuma intervenção teve nela, directa ou indirectamente, Lúcia a vidente de Fátima. O Episcopado ignorava inteiramente a revelação que pedia esta consagração como penhor da paz e de especiais graças.

Mais tarde, em 1936, o Episcopado, aflito com a ameaça da revolução ateísta, que em Espanha ateava os incêndios das igrejas, fez voto de promover uma peregrinação nacional a Fátima, se Portugal fosse poupado a ela. Dois meses depois rebentava em Espanha a guerra civil. E efectivamente, em 1938, o Episcopado e o povo português rendiam em Fátima as devidas graças.

Tem-se querido ver nas resoluções do Episcopado Português a influência oculta das comunicações da vidente. A verdade é que tudo o que se tem feito, salvo a comunicação sobre a devoção dos cinco sábados feita pelo Bispo de Leiria, tem sido feito sob a inspiração da doutrina católica e do zelo da caridade. Eu próprio nunca vi nem falei à vidente, nem tenho com ela qualquer correspondência.

Só mais tarde, em 1940, pelas memórias sobre as Aparições e os videntes, que a Lúcia escrevera a pedido do Bispo de Leiria, soubemos que a consagração do País correspondia ao desejo revelado de Nossa Senhora e as promessas que lhe estavam anexas relativas à paz e à vitória sobre o comunismo russo.

Eu pudera conhecê-lo desde 1939, mas fiquei duvidoso e incerto sobre o alcance das palavras de uma carta da Lúcia para o Bispo de Leiria, que este me enviara. A carta era datada dos princípios de Fevereiro de 1939. Dizia ela em resumo: «que a guerra predita por Nossa Senhora estava iminente (Lúcia, pouco versada nas letras, escreveu «minente»); que as nações que mais sofreriam seriam as que tentaram destruir o reino de Deus; que a Espanha já sofrera o seu castigo, o qual não estava ainda terminado; e que Portugal «sofreria algo das consequências da guerra (é a frase textual), mas devido à consagração que o Episcopado fizera de Portugal ao Coração Imaculado de Maria, Nossa Senhora o protegeria». Só no fim da guerra pude verificar que aquela religiosa de poucas letras anunciara desde Fevereiro de 1939, com miraculosa precisão, o que então era imprevisível e parecia impossível (1).

O milagre de Fátima ia-se assim revelando e amplificando sempre, sem nenhuma influência humana. Não dizia nada que não estivesse no Evangelho, mas o Evangelho era mais conhecido e seguido. A milagrosa graça da Paz concedida desde 1939, era penhor do que Nossa Senhora alcançará para o mundo todo, desde que este se converta e se Lhe consagre.

Acrescentarei ainda o que tem sucedido com a miraculosa peregrinação da Imagem de Nossa Senhora de Fátima pelo mundo. Não hesito em chamar-lhe miraculosa, porque é acompanhada desde o princípio e em toda a parte, de circunstâncias que não têm explicação natural, e não sei se tem paralelo na história, como neste livro se verá.

Desde o princípio, esta peregrinação excedeu as previsões e objectivos primeiros de todos os que nela intervieram. Foi com dificuldade que as autoridades religiosas de Lisboa e Leiria consentiram na primeira peregrinação: a vinda da Imagem a Lisboa. O que sucedeu, foi uma maravilhosa surpresa, que encheu de lágrimas os olhos do Bispo que acompanhava a Imagem. O resto, conta alguma coisa este livro...

Quem o ler, creio não poderá deixar de pensar que Nossa Senhora de Fátima quer

Enormes os tesouros de caridade que podem distribuir-se com palavras unidas de amor, nascido do pensamento indulgente e sobretudo do coração cristãmente compassivo.

Ficamo-nos a meditar na sementeira de luz realizada pela Senhora, com as poucas palavras que transmite o Evangelho, e com todas as outras que nos é lícito adivinhar.

Todavia, a caridade não pode ficar em palavras, e não ficou aí, na vida de Nossa Senhora.

Folheamos as páginas santas. Terrível e consolador o sumário do Juízo final, na doutrinação do divino Mestre: *Vinde benditos do Pai. Tive fome e destes-me de comer, tive sede e destes-me de beber, estava nu e cobristes-me... Afastai-vos, malditos, para o fogo eterno. Tive fome e não me destes de comer, tive sede e não me destes de beber, estava nu e não me agasalhastes...*

Próximo é o Samaritano que se detém perto do ferido, abandonado na estrada, a quem pensa carinhosamente as feridas e conduz à hospedaria para se continuar o tratamento, que paga do seu bolso.

Luminosa a sentença de S. João: *«Filhinhos, amemo-nos uns aos outros, não só com palavras, mas também com obras de verdade».*

A fé sem obras é morta, ensina por sua vez S. Tiago.

E S. Paulo, em trecho maravilhoso de eloquência e de realismo cristão, descreve, para os séculos, a excelência da caridade. *«Ainda que eu falasse a língua dos homens e dos Anjos, se não tiver caridade, sou como o bronze que soa, como o címbalo que tine (...). A caridade é paciente e benigna; não é invejosa nem temerária; não se ensoberbece nem é ambiciosa; não busca os seus próprios interesses, não se irrita, não suspeita mal de ninguém; não se regozija com a injustiça mas com a verdade; tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo sofre».*

Como poderíamos então conceber a vida da Senhora que não fosse, como a vida do Senhor, um acto contínuo de amor, traduzido em permanente bem-fazer?

Acordamos na alma as noções

divinas que aprendemos, quando crianças, no nosso Catecismo, sobre as obras de misericórdia, corporais e espirituais. Não as aprendeu a Senhora na escola nem em livros, mas no seu amor a Deus.

Translada-se para aqui um trecho de livro de Meditações. Detenhamo-nos, por momentos, a considerar como receberia os pobres que dela se abeiravam, a pedir esmola. Quantas vezes repartiria com eles da sua própria pobreza, dando-lhes não apenas o supérfluo mas também o indispensável. Como agasalharia os peregrinos, segundo a lei da hospitalidade judaica, e principalmente segundo a lei da sua alma! Quantas visitas aos velhos e aos doentes da sua vizinhança!

Em momento de dor e de esperança, para Santa Isabel, vai-se de longada, através de caminhos ásperos e perigosos, para fazer-lhe companhia e prestar-lhe os serviços que as circunstâncias requeriam.

Em Caná, com celestial delicadeza e com bondade misericordiosa, pede ao Senhor que realize o prodígio da conversão da água em vinho, para evitar vergonha e confusão aos Noivos desse dia.

No caminho do Calvário e junto da Cruz, toma o lugar mais doloroso, com inenarrável coragem.

Em toda a parte, a primeira na responsabilidade, foi também sempre a primeira na aceitação e realização do sacrifício.

E nos domínios do espírito, quanto conforto e quanta alegria prodigalizou a todos os que precisavam duma palavra de consolação, dum conselho salutar, dum estímulo de coragem — aos Apóstolos, na agonia das horas tenebrosas, depois da morte do Senhor e nos dias imediatos à Ascensão; a todos os cristãos com quem podia conviver, logo que em Jerusalém se desencadeou a tempestade da perseguição cruel.

Fosse a nossa vida cópia fiel ou aproximada da vida da Senhora, e toda ela seria iluminada da caridade que enche de amor de Deus até os corações empedernidos.

† MANUEL, Arcebispo de Évora

trazer o mundo à Igreja, a Jesus Cristo, a Deus; que Ela quer efectivamente salvar o mundo.

† M., Card. Patriarca

(1) Por escrúpulo de consciência devo declarar que esta carta a li várias vezes a várias pessoas que podem testemunhar. Não sei explicar como desapareceu das minhas mãos, ou perdida ou roubada. Mas juro a exactidão do que deixo escrito.

Peregrinação de 12 e 13 de Setembro

«Enquanto houver pecados no mundo, não haverá paz» Estas palavras foram como vaticínio, de realização universal, aos ouvidos dos peregrinos da Fátima, na hora em que a procissão das velas fechava, com a cruz, um círculo em redor da veneranda Imagem da Mãe de Deus. O povo, talvez sem meditar profundamente na gravidade do momento presente e as consequências da prevaricação dos baptizados, prossegue a marcha, cantando

*Bendizemos o teu Nome
Mãe do Céu, Virgem Maria.
Bendizemos à porfia
o teu Filho, Salvador!*

Efectivamente os altifalantes anunciaram o canto do *Credo*, que soou com vibração por todo o recinto, levantando os fiéis as suas velas acesas como testemunho da Fé que crepita nas suas almas.

Foi trazido o Santíssimo Sacramento para o altar exterior da Basílica e iniciou-se a vigília eucarística com a adoração geral, em que muitos milhares de peregrinos acompanharam o Divino Prisioneiro dos nossos altares. Nesta 1.ª hora pregou o Rev. P.º António da Silva, da diocese de Leiria, actualmente na Universidade Gregoriana em Roma, a fim de se diplomarem em História. O tema das suas pregações foram os mistérios dolorosos do Santo Rosário. Em dissertação cheia de fluência, foca o «fracasso da Cruz», contrapondo-lhe a vitória suprema do Divino Crucificado — ao lado do Calvário, o jardim da Ressurreição! E conclui com o Salmista: «Ó morte, onde está a tua vitória?»

Tiveram a sua adoração privativa as peregrinações de Cadima, Águas (B. B.), Paradelá, Cedrim do Vouga, S. Mamede da Ventosa e Durango, esta da Espanha, da uma às duas horas. Sucessivamente

Nossa Senhora da «Cortina de Ferro»

A «Voz da Fátima» já se referiu a uma Imagem de Nossa Senhora oferecida pelo Senhor Bispo de Leiria para um país dentro da cortina de ferro e que, após muitas dificuldades, chegou ao seu destino quase por milagre. A pessoa que a recebeu e guarda tem escrito várias vezes. Numa das suas cartas conta o seguinte:

No mesmo dia em que a imagem chegou, ela fez a felicidade da mãe do nosso sacristão. Uma sua filha estava gravemente doente. Veio ajoelhar-se aos pés de Nossa Senhora e foi atendida no mesmo instante. Havia quatro dias que a menina não podia comer nada e tinha temperaturas abaixo do normal. Quando, depois de ter pedido pela filha, a mãe voltou para junto dela, a pequena pediu de comer e a sua temperatura era já normal.

No dia 8 de Março, mostrámos a imagem pela primeira vez às crianças e fizemos uma pequenina festa. Desde esse dia, nota-se bem claramente uma diferença no ânimo das crianças. Veio também uma ortodoxa, que uma vez por outra assiste ao catecismo. Ela estava muito mal e devia entrar para um hospital. Quando lhe mostrei a imagem, manifestou logo o desejo de se confessar a um padre católico e de comungar das suas mãos, em caso de perigo.

Alguns Bispos têm escrito, pedindo-me que os substitua, durante a Santa Missa, junto de Nossa Senhora, o que eu faço com uma grande alegria. Ela é a nossa Embaixadora Celeste. É Ela que tem tudo em suas mãos. Será também a nossa Missionária. Peço-vos que continueis a rezar connosco por esta intenção.

A imagem de Nossa Senhora está voltada para o Oriente. Fica mesmo na fronteira com o povo ortodoxo. Seja isto um símbolo. A Senhora umas vezes dá a impressão de estar alegre e outras parece triste. Isto impressiona e atrai muito os fiéis e até homens de outras confissões, como ortodoxos e muçulmanos. Nossa Senhora está a começar bem a sua nova Missão!

(os turnos de adoradores rendiam-se de hora a hora) estiveram a Arquiconfraria do Imaculado Coração de Maria, de Lisboa, as freguesias de Argeriz, Fontela, Guilhabreu, Estoril, S. Miguel de Fontelas, Várzea de Cavaleiros e a peregrinação de Frei Geraldo.

Por toda a noite o Santuário oferecia à meditação de cada peregrino cenas impressionantes. A par da oração ininterrupta do interior da Basílica, para onde foi conduzido o Santíssimo Sacramento logo depois da adoração geral, via-se a penitência em dramáticos aspectos: nesses penitentes, homens e senhoras, gente do povo, de humilde ou de elevada categoria, que cumprem penosas penitências em redor da Capela das Aparições, às vezes com os joelhos em sangue; nessas filas intermináveis que aguardam horas esperando a sua vez de se abeirarem do Tribunal da Penitência — dezenas de confessionários a toda a hora assediados por almas conscientes ou inconscientemente famintas de Justiça. Ai se operam os maiores milagres da Fátima, que para sempre serão velados pelo sigilo sacramental. Outro aspecto de penitência, e este um tanto vexatório por estadear o atraso cívico do povo, é oferecido em muitos recantos do Santuário por esses aglomerados estendidos no chão, numa promiscuidade que chega a impressionar mal. Há um mínimo de recato que deve impor-se por si cada peregrino, apesar da fadiga imensa depois de viagens penosas. E cada qual deve impor-se também a obrigação de poupar ao próximo o incómodo de assistir a cenas nada edificantes, sobretudo nas imediações da Basílica.

O dia 13 de Setembro, depois de dias de intenso temporal na Cova da Iria e suas redondezas, revestiu-se de todas as galas e incómodos do estio: céu sem nuvens, sol brilhante, calor intenso.

O elemento estrangeiro, numerosíssimo neste Setembro, enchia em parte o Santuário e as pousadas, estalagens, pensões e conventos em redor. Destacando-se entre todos, Mons. Derouineau, Arcebispo-mártir de Kunming, na China. Outro Missionário da China, Rev. P.º Jaime G. Toyer, O. P., que durante 20 anos missionou em terras de Kienow, tendo permanecido preso nos últimos 25

meses depois dos quais foi reenviado para a América, pois pertence à Província Dominicana de S. José, em Nova Iorque. Da Lorena, Metz, veio a 3.ª peregrinação dirigida pelo Rev. Cônego Carré. Ainda da França veio um grupo coral de Sarreburg, na Lorena, e de que é director o Rev. P.º Plácido Guerner, SS. CC., ex-professor do Seminário dos Olivais. O Rev. P.º Pedro Colin, catedrático da Universidade Católica de Paris, esteve com um grupo de universitários do intercâmbio Franco-Ibero-Americano, com sede em Paris. Estiveram também na peregrinação de Setembro, demorando-se uns dias na Fátima, Princesas da Casa Real da Holanda mas de nacionalidade alemã: Imagina Juliana Zu Stolberg e Teresa Stolberg. Acompanhava-as sua prima W. von Pressen, holandesa de nascimento.

Depois de rezado o terço e de luzida procissão que conduziu, como habitualmente, a veneranda Imagem para junto do altar exterior da Basílica, Mons. Derouineau celebrou a Missa dos Doentes. Na homilia o mesmo pregador da adoração geral toma a mesma direcção da Cruz «esperança única de salvação para este mundo que se desmorona». O Rev. P.º António da Silva deteve-se a considerar o género de penitência que mais perfeitamente satisfaz a Divina Justiça — a penitência interior, a contrição do coração, a aceitação das penas inerentes ao próprio dever.

Pelos serviços médicos passaram 332 enfermos. A Bênção Eucarística individual foi-lhes dada pelo Celebrante, venerando Arcebispo-mártir da China, pegando à umbela o Sr. Dr. José Maria Pereira Gens, Director do Posto de Observações Médicas do Santuário da Fátima.

Imediatamente antes da procissão do adeus, S. Ex.ª Rev.ª o Senhor Bispo Auxiliar de Leiria, presente a todas as cerimónias oficiais e celebrante da matutina Missa da Comunhão Geral, dirigiu a palavra aos peregrinos para lhes falar de Mons. Derouineau, que verdadeiramente se pode considerar mártir da China comunista. Este venerando Arcebispo, francês, viera orar pelas velhas da sua recentemente extinta diocese, de que hoje apenas usa o título. E correspondendo ao apelo que lhes levavam os alto-falantes, todos os ouvintes se teriam obrigado intimamente a orar com fervor pelos seus irmãos, os católicos que para além

da cortina de ferro sofrem perseguições por amor da justiça.

Correspondendo por sua vez, Mons. Derouineau dirigiu a palavra, em francês, à multidão. Começou por dizer que durante os longos meses de cativeiro tivera tempo de orar, de meditar e de sofrer — sofrimento moral bem mais terrível que todas as enfermidades e dores físicas. Antes da vitória dos comunistas — disse humildemente S. Ex.ª Rev.ª — nós evangelizávamos e trabalhávamos, mas talvez o não tivéssemos feito com bastante fé e confiança. Tivemos medo... E quantas calamidades desabaram sobre o rebanho! Segundo a orientação comunista, cria-se a igreja nacional, separada de Roma, do Sumo Pontífice. E todos os católicos se encontram perante esta alternativa: ou aderir à religião do partido adoptada pelas autoridades chinesas, renegando a Fé católica, ou a prisão e o martírio.

O venerando Prelado-mártir fez então um apelo aos peregrinos da Fátima e a todos aqueles que perto ou longe o escutavam pela rádio (que as cerimónias são sempre radiodifundidas pela Emissora Católica «Renascença»): — *Vós que viveis num país em que se goza a liberdade — e como é reconfortante a liberdade, sobretudo a dos filhos de Deus! — orai ao Senhor, à Mãe de Deus, pelos quatro milhões de cristãos da China. Orai por eles, que tão duramente sofrem!*

Concluindo, Mons. Derouineau referiu o episódio comovente de uma visita que fez a determinado convento da sua arquidiocese. A Superiora conduziu-o à cela de uma Religiosa enferma que lhe disse: — «Monsenhor, vós não morrereis na China. Não vos matarão aqui. Não-de prender-vos e depois expulsar-vos desta nação. Quando chegardes à Europa e tiverdes ocasião de falar em público, em conferências ou a comunidades religiosas, peço-vos para não vos esquecerdes de nos recomendar às orações especiais de todos, a fim de não capitularmos, caindo nas ciladas do comunismo, perdendo a personalidade pelas suas influências tenebrosas e assinando o acto que nos conduziria ao cisma». E essa Religiosa, que profetizara a via dolorosa do seu Prelado, concluiu que elas sofreriam o martírio, de que não receavam pela graça de Deus. O que queriam era sofrer por Cristo, pela China, para que o Reino de Deus se estabeleça no mundo.

(Em conversa posterior, o venerando Prelado esclareceu que essa Religiosa foi, pouco depois, submetida a delicada intervenção cirúrgica. Uma análise bacteriológica acusa bacilos de Kock no piloro. Fica no hospital com diagnóstico francamente desesperado. Não importa. Os comunistas arrastam-na dali para um dos seus «campos de recuperação», onde a sujeitam a indescritíveis torturas. Lá passou um ano, dia por dia, a pobre mártir. Mas vendo os magnates que ela ia morrer, ordenaram que a expusessem à porta da prisão, onde a abandonaram, moribunda. Um homem que em tempos a conhecera no dispensário, passou por ali providencialmente. Reconheceu-a. Tomou-a cautelosamente nos braços e levou-a a um Carmelo que havia perto. As Carmelitas abriram suas portas à heróica confensora de Cristo. Apenas houve tempo de lhe prestar os socorros espirituais que um Sacerdote lhe ministrou. Depois, assistida por este e pela Comunidade, a santa Religiosa voou à eterna recompensa).

A procissão, já formada, inicia a marcha. Os Religiosos do Convento Dominicano, com a Cruz e círios, precedem imediatamente o andor florido de Nossa Senhora. Enquanto a multidão agita lenços e canta saudosamente o «adeus», o carrilhão e o grande órgão enchem os ares de harmonias que àquela hora parecem um manto da saudade onde todos se aconchegam, pesarosos de partir... de deixar esta estância de graça, luzeiro no mundo entenebrecido.

Palavras de Mons. Derouineau, Arcebispo de Kunming (China) para os leitores da «Voz da Fátima»

«Expulso da China em 9 de Março de 1952, depois de 203 dias de prisão, vim à Fátima para agradecer a Nossa Senhora a protecção que Ela concedeu aos meus Padres, aos meus Religiosos e aos meus Cristãos — que há mais de cinco anos resistem maravilhosamente aos assaltos dos sequazes de Satanás que queriam levá-los ao cisma, incorporando-os primeiramente na igreja nacional e depois na apostasia.

Os nossos cristãos da China eram devotos de Maria (a reza do terço à noite em família, a guarda das festas de Nossa Senhora e a fidelidade à Via-Sacra da sexta-feira — e muitos a faziam quotidianamente).

Habitados a meditar os mistérios do Rosário e da Paixão, auriram daí uma força sobrenatural que muito os ajuda, particularmente nestas horas de sofrimento.

Para eles uma só coisa conta cá neste mundo — preparar o Céu, servindo-se de todos os meios que lhes proporciona a Providência.

Que Nossa Senhora da Fátima os ajude muito particularmente. É um verdadeiro martírio que eles sofrem, com sofrimentos físicos e sobretudo morais, que arruinam pouco a pouco as faculdades intelectuais.

É a luta entre a Cruz e a estrela vermelha. Quem vencerá? A nós compete responder praticando a Mensagem da Fátima.

† AL. DEROUINEAU, Arcebispo de Kunming

Notícias do Santuário

Retiros

A LIAM (Liga Intensificadora de Acção Missionária) realizou o primeiro retiro anual para as suas associadas. Assistiram cerca de 110 senhoras, tendo sido conferente S. Ex.^a Rev.^{ma} o Senhor Bispo de Portalegre, Dom Agostinho de Moura, coadjuvado pelo Director da LIAM, P.^o José Felício e P.^o António Rodas, dos Missionários do Espírito Santo. O retiro efectuou-se de 3 a 7 de Setembro. O Sr. Arcebispo de Luanda fez 2 conferências. De 8 a 12 realizou-se o retiro organizado pelas Filhas do Imaculado Coração de Maria, com a assistência de 23 senhoras.

De 13 a 19 a Arquiconfraria do Imaculado Coração de Maria, de Lisboa, organizou um retiro em que tomaram parte 25 senhoras.

Na última semana de Agosto e alguns dias de Setembro, realizou-se na Casa dos Retiros um retiro espiritual para sacerdotes dos Seminários. Estiveram representados quase todos os Seminários do País, e entre os 70 sacerdotes que fizeram retiro contavam-se reitores, vice-reitores, directores espirituais, professores e prefeitos dos Seminários.

7 senhoras agregadas à Obra da Rua fizeram retiro de 5 a 10 de Setembro. Foi conferente o Rev. P.^o Francisco Antunes, professor do Seminário de Coimbra.

De 27 a 31 de Agosto, estiveram em retiro espiritual no Santuário cerca de uma centena de Sacristãs, das várias Dioceses do País.

Peregrinações estrangeiras

Durante o mês de Setembro, numerosos grupos de peregrinos estrangeiros visitaram o Santuário, uns pela primeira vez, outros pela segunda, terceira e mais vezes.

De 7 a 9 estiveram na Casa dos Retiros 30 peregrinos franceses de Cesson-Sevigné, sob a direcção do Rev. P.^o Caradec, que celebrou missa na Basílica.

3 grupos de peregrinos espanhóis, de Badajoz, Madrid e Valência, estiveram na Cova da Iria, onde assistiram a diversas cerimónias em honra de Nossa Senhora.

Um grupo de 42 peregrinos brasileiros esteve a 7. Entre estes encontrava-se o Dr. Pedro de Aragão, redactor do «Jornal do Brasil».

No dia 11, ouviram missa na Capela das Aparições 15 estudantes da Universidade de Montevideo, que regressavam de uma viagem pela Europa.

Monsenhor Luigi Poggi

No dia 10, rezou missa na Capela das Aparições Mons. Luigi Poggi, professor da Escola Superior de Placenza, alto funcionário dos Negócios Extraordinários do Vaticano. O ilustre peregrino vinha acompanhado de seu irmão Dr. Carlos Poggi, e de Mons. Gentile, Conselheiro da Nunciatura.

Diversos peregrinos

Na Capela das Aparições celebrou missa o Rev. P.^o Ilmoine, capelão do grupo escuteiro de Etapes, França, que vinha acompanhado de 15 escuteiros. Regressavam do Acampamento do Corpo Nacional de Escutas, em Avintes.

50 peregrinos norte-americanos, sob a direcção do Rev. P.^o Shannon da Catedral da Imaculada Conceição, de Syracuse, assistiram à missa na Capela das Aparições.

O Cónego Desgranges, conhecido escritor e orientador católico de Paris, passou uns dias na Cova da Iria onde foi visitado pelo Sr. Bispo Auxiliar de Leiria.

O P.^o Dominique, professor do Colégio de S. Gabriel, de Paris, presidiu a uma peregrinação de 38 raparigas escuteiras daquela cidade.

Conselho Geral da J. C. F.

Os Conselhos gerais dos vários Organismos da J. C. F. realizaram-se na última quinzena de Setembro e neles tomaram parte mais de 200 dirigentes, assim como os Assistentes nacionais e gerais dos diversos Organismos.

Mensagem de Amor

7. O ÓDIO AO PECADO

Foi o único que jamais entrou no Coração Imaculado de Maria, mas esse implacável e perpétuo.

Em Maria, nunca o pecado teve parte alguma; e por onde quer que Ela passa, combate-o. Persegue-o. Aniquila-o. Por isso, quando Ela «se dá ao trabalho» de vir do Céu até nós, como por exemplo na Fátima, o demónio tem rezões de sobra para tremer.

E tudo isto porquê? Porque o pecado é o mal, o grande mal, o único mal, «o mal que é só mal», como dizia o P.^o António Vieira.

Porque Maria é a grande apaixonada da honra e da glória de Deus.

Porque o pecador é o mais infeliz dos homens e Maria quer a felicidade de todos os seus filhos.

Não admira nada, portanto, que tendo Maria descido à Fátima para ensinar aos homens o «sentido» de Deus e das coisas de Deus, se esforce igualmente por lhes inculcar o «sentido» do pecado.

«Talvez o maior mal do mundo moderno — dizia Pio XII num discurso já por nós citado — talvez seja o de terem os homens perdido o sentido do pecado». E denunciava, noutra ocasião, o grave desvio da mentalidade contemporânea, para a qual o pecado deixou de ser pecado, para ser uma exigência da natureza, uma debilidade da alma humana.

A Virgem Santíssima não pactua com tais subterfúgios.

O pecado é uma desobediência à Lei de Deus e, portanto, uma ofensa a Deus.

Não que Deus possa ser atingido em Si mesmo, pois Ele é o Imutável, o oceano infinitamente tranquilo das infinitas perfeições. Mas ofender a Deus é o efeito, o termo para o qual tende o acto pecaminoso. E quando essa ofensa se dá em matéria grave, ela constitui o pecado mortal.

Mortal, isto é, que dá a morte à alma. Eis como:

Deus é o nosso fim último.

Quer dizer que nós fomos feitos para Ele, temos obrigação de O amar sobre todas as coisas e de O servir, procurando a sua glória. Ora o homem, violando pelo pecado mortal uma ordem grave do Soberano Legislador, apega-se a um bem criado e transitório, como se esse bem fosse o seu último fim. Afasta-se de Deus, a Quem faz a afronta de preferir uma criatura ao Criador, o nada ao Infinito; rompe a paz e amizade que a Ele o uniam, e torna-se seu inimigo. De maneira que ficando destruída a graça na sua alma — graça, vida divina, laço dessa paz e dessa amizade — morre para a vida sobrenatural, perde os seus direitos à herança celeste, à bem-aventurança, à posse e vista de Deus, e torna-se passível dum castigo eterno.

Pode agora tentar medir-se o que é uma ofensa feita a Deus? Uma coisa, um mal que nenhuma inteligência criada pode conceber.

Finito, limitado, do lado do homem; do lado de Deus, cuja dignidade é sem limites, de Deus, que possui títulos sem conta para a nossa submissão, o nosso respeito e o nosso amor, o pecado mortal é, pelo contrário, segundo a doutrina de S. Tomás de Aquino, um mal verdadeiramente infinito.

Exprimindo esta verdade por forma sugestiva, Santo Afonso Maria de Ligório não receia afirmar que dado o amor que Deus se tem a Si mesmo, Bondade e Beleza supremas, bem como à criação, obra de suas mãos, e à ordem perfeita por Ele estabelecida, o pecado mortal é um mal tão grande, que «se fosse possível, destruiria o próprio Deus, pela tristeza infinita que lhe causaria».

O facto de ser o pecado um tão grande mal, é que determinou Nossa Senhora a vir pedir-nos para fugir dele. Na Fátima, por suas palavras e pelos exemplos mais aptos para tocar os nossos corações duros como pedras, fez o possível por nos inspirar o horror ao pecado.

Fr. Estanislau, O. F. M. Cap.

Sede Internacional do Exército Azul

Muitos dos nossos leitores já ouviram falar da existência do Exército Azul — movimento espiritual e caritativo em organização por todo o mundo católico, sob o nome e protecção de Nossa Senhora da Fátima, com a sua Sede Internacional junto lugar sagrado das Aparições.

Ao tempo da distribuição deste número da «Voz da Fátima», a Cova da Iria estará sendo local e testemunha de actos solenes e decisivos na história do Exército Azul. Os principais apóstolos do movimento em algumas das Nações da Europa e da América, aqui reunidos nos dias que precedem a grande Peregrinação de 13, elaboraram os Estatutos que em seguida vão ser apresentados à Santa Sé, para aprovação.

No dia 11, chegada à Fátima de Sua Eminência o Cardeal Eugénio Tisserant, Decano do Sacro Colégio dos Cardeais, que veio propositadamente para benzer e inaugurar o edifício do Exército Azul e para presidir à Assembleia dos seus chefes internacionais. Preside também à Peregrinação dos dias 12 e 13, a convite de S. Ex.^a Rev.^{ma} o Senhor Bispo de Leiria..

Os leitores da «Voz da Fátima» não-de certamente apreciar esta informação, pois o Exército Azul tem uma providencial missão mariana a desempenhar, no que particularmente respeita à expansão e cumprimento da Mensagem da Fátima, para bem da Igreja e paz do Mundo, pela conversão da Rússia.

Casa dos Retiros

De meados de Agosto a meados de Setembro, as Casas dos Retiros do Santuário deram abrigo a 1.036 pessoas, quer grupos de peregrinos nacionais e estrangeiros, quer exercitantes.

AOS PÁROCOS

Cartazes para afixar nas igrejas, com as recomendações do Episcopado Português.

Vende a GRÁFICA DE LEIRIA

GRAÇAS dos Servos de Deus

FRANCISCO

D. Maria Ana Pereira da Cunha de Carvalho, Carrizado, Amares, escreve: «Estive durante uma semana com uma terrível cólica de rins, tomando vários medicamentos sem sentir quaisquer melhoras. Recorri então ao Francisco, colocando sobre os rins uma relíquia do Pastorinho da Fátima. Apenas o fiz, logo as dores cessaram por completo; até hoje, dois meses decorridos, nada mais senti».

José Germano Augusto S. Sebastião, Terceira, Açores, tendo de sujeitar-se a uma operação, recorreu ao Servo de Deus, Francisco Marto e foi bem sucedido, graça esta que atribui à sua intercessão. Em acção de graças, manda 50\$00 para ajuda da beatificação.

D. Maria A. Martins, Porto, agradece ao Servo de Deus Francisco Marto duas graças, sendo uma a cura de sua mãe, e outra as melhoras rápidas para si, alcançadas numa crise dolorosa de reumatismo num braço. Cheia de reconhecimento, oferece 20\$00 para o processo de beatificação do mesmo Servo de Deus.

D. Maria Quitéria de Sá, Viade, Lever, Gaia, escreve: «Um filho meu esteve gravemente doente, de moléstia intestinal, renitente aos medicamentos clínicos. Recorri aos Servos de Deus Francisco Marto, e logo o meu filho ficou curado. Como prometi, venho agradecer esta grande graça publicamente, enviando 20\$00 para a beatificação».

Francisco de Freitas, Campo Alegre, Porto, tendo tido uma infecção no sangue, e tendo recorrido ao Servo de Deus Francisco Marto, conseguiu a graça dum cura rápida, pelo que, em reconhecimento, envia 20\$00 para o mesmo Servo de Deus.

JACINTA

D. Natália M. C. Quaresma, Faro, escreve: «É a Serva de Deus a minha grande patrona no Céu; alcança-me de Deus todas as graças que eu lhe peço. Preciso o meu pai dum dinheiro para fazer um pagamento; pedi-lhe que o deparasse, e fui atendida. Uma tia minha queimou-se numa perna; pedi à Jacinta que ela não tivesse muitas dores durante a noite, e vi satisfeito o meu pedido. Volvido tempo, pedi-lhe as melhoras para um doente e consegui essa graça. Cheia de reconhecimento, venho tornar pública a minha gratidão à Serva de Deus».

D. Maria Augusta Silva Dias Azevedo, viúva, residente na Guarda, encontrando-se muito doente do estômago, muito enfraquecida, recorreu com grande fé à intercessão da Serva de Deus Jacinta Marto, por quem tem especial devoção, e logo lhe desapareceu o mal de que sofria. Em reconhecimento, oferece 15\$00.

D. Isabel Aragão Lamy Baptista, Couço, Coruche, tinha o seu filho a morte, abandonado já por dois médicos, num estado que não julgavam que pudesse viver quarenta e oito horas. Recorreu à Jacinta e a Santa Teresa do Menino Jesus. Sucedeu até que estando o enfermo já na marquesa para ser operado, um outro médico declarou que era inútil a intervenção cirúrgica. A operação fez-se; o seu filho não morreu e, passadas vinte e quatro horas, encontrava-se completamente curado. Depois disto, a mesma senhora diz ter recorrido à Jacinta mais três vezes, em casos graves da sua vida, e em tudo foi atendida.

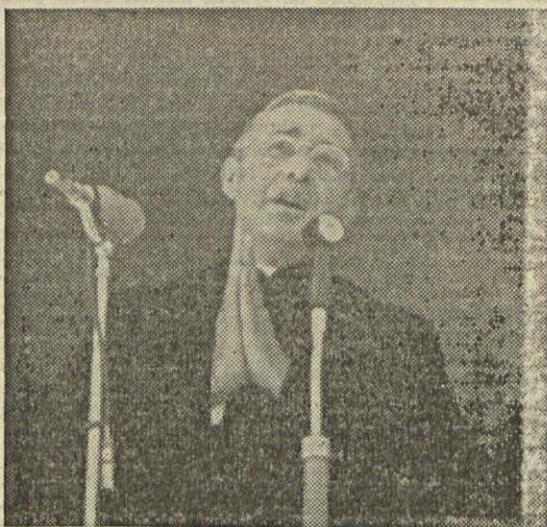
D. Maria Carolina de Meirelles Sampaio, Nine, recorreu à Serva de Deus Jacinta Marto a pedir-lhe determinada graça até ao dia 25 de Maio (1947): fez por essa intenção várias preces, por vezes acompanhada de criancinhas e oferecendo alguns sacrifícios, à imitação dos que fazia a feliz Vidente após as Aparições de Nossa Senhora. Realmente a graça foi-lhe concedida, exactamente como a pedira.

≡ O Padre Américo ≡ RAINHA DOS MARES

Não precisou a «Voz da Fátima» de anunciar a sua morte. A notícia espalhou-se como um relâmpago em Portugal inteiro, na manhã do dia 16 de Julho, dia de Nossa Senhora do Carmo, há quase três meses.

Ninguém ignora o seu desaparecimento, nem o seu grandioso e maravilhoso apostolado, através da Obra da Rua, do Património dos Pobres e do Calvário.

O que muitos desconhecem é a beleza da sua alma sacerdotal, a força da sua vida interior, totalmente doada ao Senhor, fazendo aos 41 anos, nas mãos do Senhor Bispo de Coimbra, os votos de pobreza, castidade e obediência, em termos precisos e inequívocos.



O Padre Américo fez a homilia da Missa dos Doentes, na Peregrinação de 13 de Maio de 1952. Com aquele pequenino sermão — que mais foi uma ORAÇÃO, como lhe chamou o redactor da revista belga «Médiateur et Reine» — alastrou rapidamente por Portugal inteiro a obra magnífica do «Património dos Pobres».

O que muitos pensam é que o P. Américo não passava de um homem bom, uma santa alma, um Padre livre, que não queria nada com os Bispos ou que vivia à margem dos problemas e da disciplina da Santa Igreja, espécie de filantropo a quem sobretudo interessava matar a fome, ou fazer casas para pobres... Nada mais falso.

Quem o ouviu pregar os seus sermões, quem o viu celebrar a Santa Missa, ou a orar recolhido, ou a confessar-se humildemente, quem o viu a pedir os sacramentos todos da Igreja, plenamente consciente, na véspera da sua morte, quem leu o seu testamento e conhece o teor dos seus votos, quem pôde ler a sua carta ao Senhor Bispo de Coimbra em Junho de 1928 e, sobretudo, quem conviveu com ele na intimidade de muitos dias, sabe ao certo e pode demonstrar à história e à posteridade que o Padre Américo era, acima de tudo, um homem de Deus e um carácter sacerdotal, um Padre da Santa Igreja Católica, à maneira de S. Francisco de Assis, de S. João Bosco, de Santo Inácio de Loyola ou de S. Vicente de Paulo.

Quem escreveu estas linhas conhece um Sacerdote a quem o Padre Américo enviava pessoas, homens e senhoras, cujas almas precisavam de cuidados espirituais particulares e frequentes, que ele, por sua vida dispersa, não podia continuar a dispensar.

A ternura pela Pessoa adorável de Nosso Senhor Jesus Cristo e a devoção ao Seu Santíssimo Nome, eram-lhe peculiares. Passava horas esquecidas junto do sacrário, sobretudo quando tinha de tomar alguma iniciativa importante. Rezava diariamente os três terços do seu Rosário a Nossa Senhora. Só por gravíssimo motivo deixava de celebrar a Santa Missa.

Assim se prendia a Cristo aquele que de Ele aprendera a vê-Lo em seus irmãos pobres e sofredores.

Que ninguém pense que é obra puramente humana a do Padre Américo. Traz o selo da caridade mais perfeita. Por isso há-de continuar-se com a Santa Igreja e dentro dela, como ele afirmou expressamente na última alocução que pronunciou em público — 8 de Julho, no Património dos Pobres do Carvalhido.

Evoquemos a memória do saudoso Padre Américo. A melhor maneira de o fazer será viver o seu espírito e continuar a sua Obra.

A primeira Catedral no Mundo dedicada a Nossa Senhora da Fátima

É a de Nampula, na nossa Província de Moçambique. Foi sagrada no dia 23 de Agosto por Sua Eminência o Senhor Cardeal-Arcebispo de Lourenço Marques, D. Teodósio Clemente de Gouveia.

Além do Prelado de Nampula, D. Manuel de Medeiros Guerreiro, e do Bispo da Beira, D. Sebastião Soares de Resende, esteve também presente à grandiosa cerimónia o Senhor Presidente da República, com toda a sua Comitiva.

A Catedral, iniciada quando era Bispo da Diocese o falecido D. Frei Teófilo de Andrade, concluiu-se agora sob o governo de D. Manuel de Medeiros Guerreiro.

O projecto é de autoria do Arquitecto Raúl Lino e apresenta um estilo muito original, misto de português e de africano.

Tem sete altares, sendo o altar-mor dedicado a Nossa Senhora da Fátima e os restantes: ao Coração de Jesus, S. José, Santa Teresinha do Menino Jesus, Santa Isabel, Santo António e S. João de Deus.

No pórtico estão as imagens, em mármore, de S. Francisco Xavier e S. João de Brito.

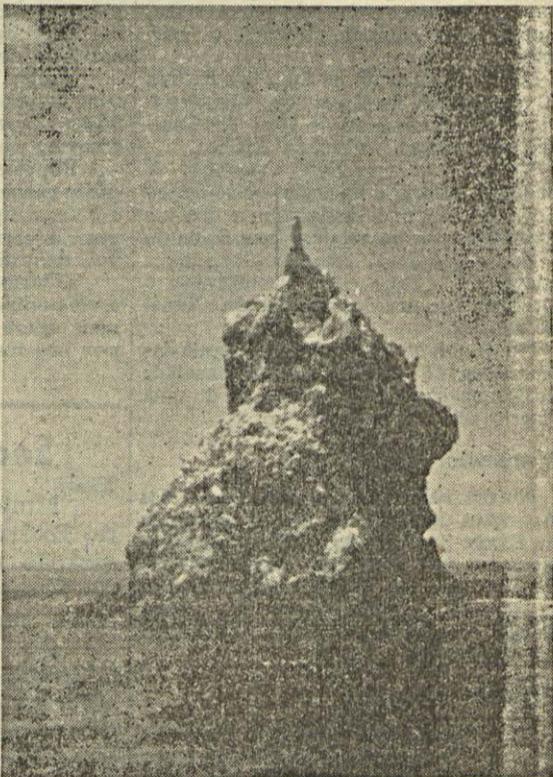
Por cima da porta principal, um alto relevo, também de mármore, representa a aparição de Nossa Senhora aos Pastorinhos da Fátima.

De San Brás (Estado de Nayarit — México), escreve-nos o Rev. Pároco, P. João Guardado Cisneros.

«Tendo em conta os muitos milagres que, sob a invocação de Nossa Senhora do Rosário da Fátima, a Virgem Santíssima fez neste lugar, pedimos à Santa Sé que no-La desse por Padroeira principal, e confirmasse também o Padroado de S. Brás, Bispo e Mártir, que vem já desde tempos imemoriais; o que tudo o Santo Padre se dignou conceder paternalmente e mandou que se celebrasse para sempre a festa da Padroeira no dia 13 de Maio de cada ano.

Para perpetuar este facto e para comemorar a fundação neste porto do «Apostolado do Mar», inaugurámos em 1955 uma estátua de Nossa Senhora da Fátima, sobre uns penhascos, a 2 quilómetros da costa. A estátua é de pedra, com 2,60 m. de altura, e assenta num pedestal de 3, a 24 metros acima do nível das águas. Pôs-se ali um pára-raios e ergueu-se um pequeno campanário, com um sino muito sensível, que o vento, quando muito forte, faz tocar, para assim avisar da aproximação das tempestades os pescadores desprevenidos.

Pela fotografia que mando poderão ver como a Rainha dos Mares já tem em San Brás o seu trono, pois pareceu-nos conveniente consagrar-Lhe não só a paróquia, mas também as águas deste porto do Pacífico».



Poucos dias depois de o Dr. Silva Pinto ter enviado para a *Voz da Fátima* os seus dois artigos acerca das operações de queratoplastia, isto é, do enxerto da córnea dum cadáver com o generoso objectivo de remediar afecções oculares em doentes, referiram-se os jornais ao discurso em que Sua Santidade tratou do assunto na recepção aos membros da Associação Italiana dos Dadores de Olhos, aos quais se haviam juntado oculistas e médico-legistas.

O Papa Pio XII afirmou que, no ponto de vista moral e religioso, nada havia que se opusesse à operação em si mesma. Mas que ela poderia tornar-se ilícita, se violasse os direitos e os sentimentos dos parentes ou amigos do falecido.

Recordando o gesto do bondoso Padre Gnocchi que deu os seus olhos para que fossem utilizados depois da morte, Sua

PALAVRAS DUM MÉDICO

Ainda a propósito das transplantações das córneas

Santidade admitiu que um homem disponha do seu corpo para fins úteis, moralmente irrepreensíveis e mesmo elevados. E aconselhou a que se eduque o público de maneira a fazê-lo compreender a utilidade de certas operações e a conseguir, deste modo, sem faltar ao respeito devido ao cadáver e aos direitos da família, o consentimento dos interessados para a extracção de certos órgãos de cadáveres humanos. Assim se podem evitar conflitos, interiores e exteriores, individuais, familiares e sociais.

Tempos houve em que era muito grande

a relutância em entregar um cadáver para ser autopsiado ou dissecado pelos médicos e alunos de Medicina. E recordei que S. Francisco de Sales, parecendo-lhe que morria duma perigosa enfermidade que teve, mandou que o seu cadáver fosse entregue aos anatomistas, a fim de nele fazerem os necessários estudos. E, a este propósito, o nosso Bernardes comenta na «Nova Floresta»: «Nesta intentada anatomia do seu corpo, nos faz Sales outra do seu espírito, mostrando (sem o pretender) ser tal a sua caridade com os próximos, que até morto desejava servi-los

e que a terra do seu cadáver produzisse para eles frutos excelentes de paz». Mais perto de nós, também o saudoso Professor Maximiliano Lemos, devotado historiador da Medicina Portuguesa, exprimiu no seu testamento o desejo de ser autopsiado, pois, como director da Morgue nessa época, queria dar o exemplo da quebra da relutância que então ainda existia pelas autópsias.

Agora, o benemérito Padre Gnocchi dispôs dos seus olhos, intenção que já também manifestou, segundo relataram os jornais, a mulher do grande estadista Churchill.

Oxalá tais exemplos sirvam para educação do público, permitindo que entre nós as autoridades legissem no sentido de poderem os doentes beneficiar das operações de enxerto da córnea.

Hernâni Monteiro